

O Arquétipo da Princesa na Construção Social da Feminilidade

Mira, R. (2016)

Edições Colibri, Lisboa,
2016, 177 pp.

CRISTINA L. DUARTE *

A beleza é um assunto subjectivo, como nos diz uma manequim sudanesa, Alek Wek^[1]. Ao encontrar-se com seis ‘especialistas’ entre os 7 e os 10 anos de idade^[2], Rita Mira não só criou a sua amostra para uma tese de mestrado em *Estudos sobre as Mulheres*, defendida na NOVA FCSH, como recolheu importantes testemunhos por parte de quem, desde tenra idade, pensa atentamente sobre esse assunto, aliado ao tema principal do estudo: a princesa. Todas as meninas, as suas mães e/ou avós, têm algo a dizer sobre essa figura tão particular: a filha do rei. Sem nos alongarmos

muito, passamos portanto ao reino do faz-de-conta... Era uma vez.

O livro é a publicação de uma “excelente tese”, como abre o prefácio o seu então orientador, Manuel Lisboa. Mas, ainda antes, Rita reúne os seus agradecimentos e convoca-nos para um trabalho, “fruto de vários olhares que transportam as suas histórias”. O livro é dedicado à avó Dina, “que, à sua maneira, contribuiu desde cedo para a emergência, em mim, de pensamentos e preocupações feministas”.

O segundo prefácio pertence à autora, que deixa esta pergunta,

* Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Faces de Eva – Estudos sobre a Mulher, 1069- 061 Lisboa, Portugal, lduarte.cduarte@gmail.com .

1. Alek Wek, *Alek, De Refugiada Sudanesa a Top Model Internacional*, “Mulheres de Coragem”, Quidnovi, Lisboa, 2008.
2. Ver anexo, p. 103.

antes do ponto de partida: “De princesa a gata borralheira, será que a história começa pelo fim?”

No primeiro capítulo, Rita vai colocar o ideário da princesa sob a lupa sociológica – “amplamente difundido por diversos meios culturais, pela indústria de consumo e pelas práticas sociais, cristalizando um certo modelo de identidade feminina, pautado por uma concepção estética hegemónica do corpo e por uma forma petrificada de ser e de viver a feminilidade e o amor”.

No segundo capítulo, a autora problematiza as assimetrias associadas ao género, quotidianamente legitimadas pelas dinâmicas sociais e institucionais, operacionalizando este conceito de modo a questionar aquilo que é construído por todos/as como feminilidade e, como afirma, “compreender a sua construção como um processo que influencia expectativas, representações e identidades”.

No terceiro capítulo, ela leva-nos pela mão, para ouvirmos as vozes das crianças entrevistadas. Muito sinceramente, é tão bom

como (nos) ler(em) uma história à noite, antes de ir para a cama. São histórias de crianças; umas vezes é a investigadora em estudos sobre as mulheres quem faz as perguntas, outras vezes são as crianças que, no meio de uma resposta, lançam uma pergunta. São discursos com risos pelo meio, os delas, e os nossos.

Depois de uma viagem pelo mundo infantil povoado pelas princesas, pelas meninas e pelas mulheres, vemos e sentimos que o arquétipo estudado está presente em muitas das nossas vidas, mesmo que mais numas que noutras, e que o facto de existir é o que nos traz aqui a estas páginas. As concepções sobre feminilidade e sobre o amor são o *melting pot* onde o social e nele o(s) género(s) se cristalizam.

Assim sendo, eis-nos no ponto de chegada; como a autora conclui, é também um novo ponto de partida. Estamos por aqui, à espera da continuação. Entretanto, ler e reler esta obra é preciso. Ela bem poderia fazer parte do(s) programa(s) do Plano Nacional de Leitura.